

Reunião nas DREs - 2018

Celinha Nascimento

Formadora do Instituto Vladimir Herzog
celinha@vladimirherzog.org

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS



DRE Capela do Socorro 30 de agosto de 2018

Pauta do dia

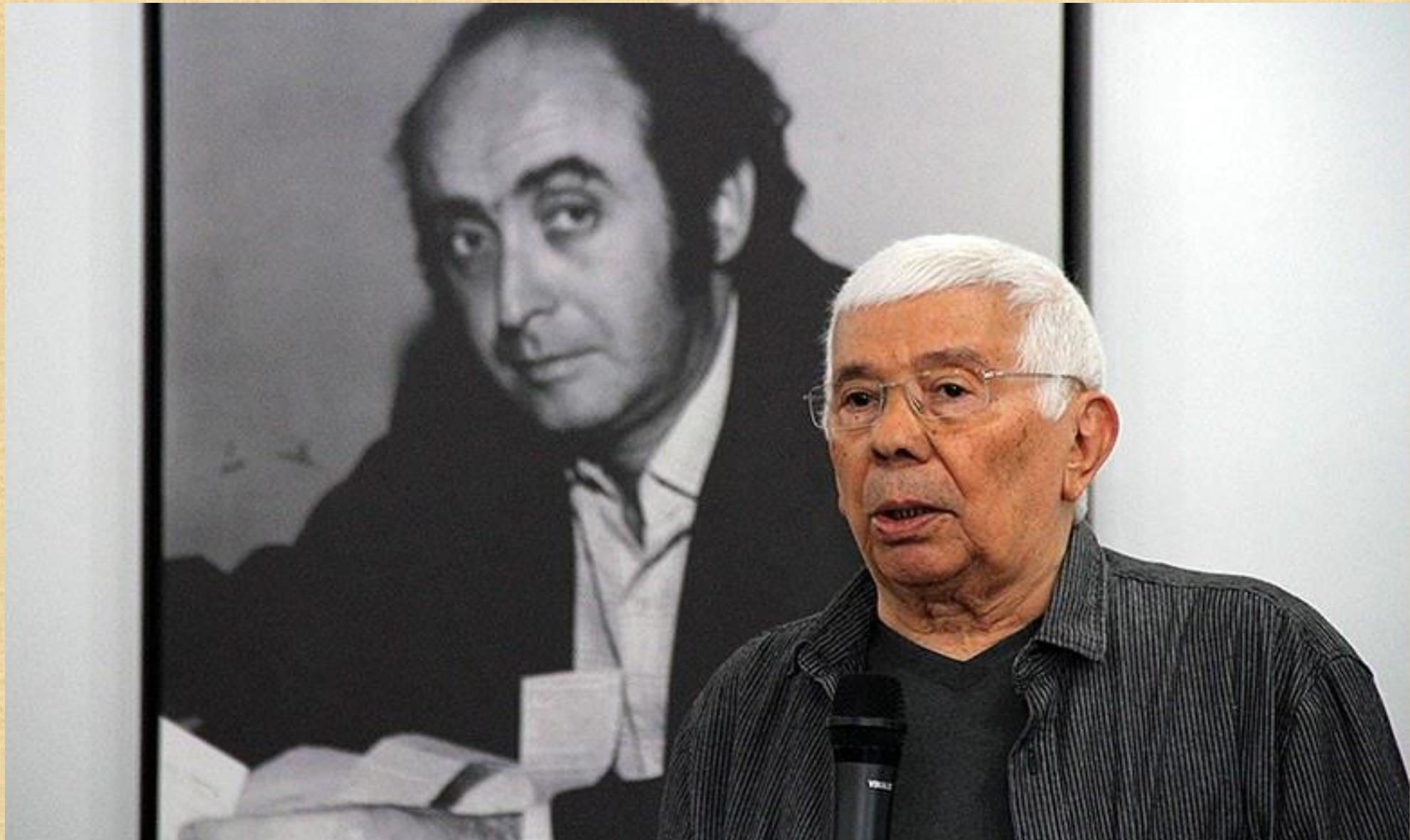
ESCUTAR É PRECISO!

Retomada do encontro anterior

Discussão do tema do dia

Atividade em grupos

Avaliação





SÃO PAULO

Morreu nesta quarta-feira (30 de maio de 2018) o jornalista e escritor Audálio Dantas, aos 88 anos, no Hospital Premiê, em São Paulo, onde estava internado desde abril. Ele tratava um câncer de intestino desde 2015, quando foi operado, mas a doença acabou por atingir o fígado e os pulmões depois disso.

O repórter era conhecido por seu olhar humanitário sobre os temas do cotidiano e sua atuação em prol da defesa de direitos durante a ditadura militar, característica que lhe rendeu, em 1981, o Prêmio de Defesa dos Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas).

Nascido em Tanque D'Arca, pequeno município do agreste alagoano, Audálio iniciou a carreira no jornalismo aos 17 anos. Vindo do Nordeste para a capital paulista, o filho de um comerciante e uma dona de casa revelava imagens do fotógrafo Luigi Mamprin, no jornal Folha da Manhã, um dos títulos que dariam origem à **Folha**.

Uma das reportagens que marcaram sua história se deu numa apuração sobre a favela do Canindé, às margens do Tietê, em São Paulo. Lá, o repórter conheceu [Carolina de Jesus](#), moradora local que registrava um diário do seu cotidiano de fome, violência e dificuldade em criar os três filhos pequenos trabalhando como catadora de papel.

Os escritos de Audálio revelaram Carolina, que mais tarde se tornaria best seller, publicando livros no Brasil e no exterior, o mais famoso deles "Quarto de Despejo", de 1960.

Sua personalidade também ficou evidente quando assumiu a presidência do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, à época do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975. Audálio denunciou que Herzog havia sido torturado e morto no DOI-CODI, contrariando a versão oficial do governo, que falava em suicídio.

No enterro de Vlado, Audálio declamou a poesia "Navio Negreiro", de Castro Alves, para as 600 pessoas presentes. "Senhor Deus dos desgraçados, Dizei-me Vós, Senhor Deus, Se é mentira, se é verdade, Tanto horror perante os céus", dizia parte do texto.

Retomando percurso:

Que dia é hoje?

Onde estamos?

Por que estamos?

Encontros com as CMCs em abril, maio, junho

Grande Encontro em 22 de maio

Revisão da Portaria

Formação para Quadro de Apoio em 19 de julho

Encontros Temáticos em junho, julho e agosto

Seminário Regional em 17 de agosto

E o que faremos até final do ano?

Ao escutar, procuramos entender o que o outro está querendo dizer com base no lugar de onde fala. Ou seja, com base: na cultura de que faz parte (que pode variar de acordo com a nacionalidade, a religião, a raça, o bairro, a cidade, o Estado em que mora ou de onde vem, o grupo social, a idade, a profissão que exerce etc.); na história pessoal (experiências que já teve na vida); no momento de vida; na situação de fala e no quanto está à vontade nela (situação de trabalho, de intimidade, familiar etc.); no humor do momento etc.

Texto de apoio *Cuidados para abrir espaços de diálogo*, do *Caderno Respeito na Escola: orientações gerais*, pp.59-60.

Acho importante na minha escola ter



Texto de Apoio: página 52 do caderno Respeito na Escola

Cuidados para abrir Espaços de Diálogo

- Estar convicto de que juntos se constrói conhecimento
- Acolher: preparar espaço, compartilhar, respeitar o tempo de cada um
- Propor regras para a conversa
- Suspensão do Julgamento
- Distribuir a fala
- Observar dinâmica do grupo
- Fazer uma escuta qualificada
- Ritualizar
- Construir uma relação de confiança

Texto de apoio

CUIDADOS PARA ABRIR ESPAÇOS DE DIÁLOGO

Criar um espaço de diálogo pode parecer simples. Em princípio, bastaria definir um horário, um local, escolher um tema, fazer uma pauta, reunir todos no local escolhido e seguir a pauta. O que nem sempre é tão simples é fazer desse espaço um momento de efetivas trocas, de conhecimento, reflexões, percepções e sentimentos. Com frequência, os momentos coletivos dos educadores na escola acabam sendo momentos de desabafo, reclamações e defesa de pontos de vista. Momentos de muita fala e pouca escuta. Reuniões que poucas vezes conseguem dar conta de promover discussões e decisões coletivas.

O diálogo entre ideias e opiniões diferentes se apresenta como uma dificuldade. Não contrariar as vozes mais fortes e não expor as próprias ideias para evitar conflitos parecem ser maneiras usuais de lidar com as diferenças.

Trocar implica que os sujeitos tenham histórias, repertórios, formas de pensar, experiências e saberes diferentes. Em boas conversas, as diferenças são ressaltadas e exploradas.



Exercício de escuta – Em trios (15'+15'+15')

1- A conta para B uma situação de trabalho crítica para a qual está procurando saídas.

Enquanto isso:

B escuta e faz perguntas que ajudem A a esclarecer a situação e ampliar sua visão em torno da situação.

C observa e anota o que chamar sua atenção nessa interação. Pode anotar também perguntas que gostaria de fazer a A.

2- A conta para B como foi para ele a dinâmica. B conta para A . C compartilha com A e B como foi ficar na observação, o que teve vontade de perguntar, etc.

Conversa entre os 3.

Reflexão sobre um caso

Cecília é aluna do 9ºano e desde os anos de Educação Infantil vive em constante desconforto em relação à forma como muitos dos alunos se dirigem e se relacionam com ela.

No início, eram as brincadeiras na hora do recreio: não tinha vontade de juntar-se ao grupo de meninas, para o qual era sempre dirigida pelos adultos, uma vez que não se interessava pelas brincadeiras com bonecas, amarelinhas, etc. Era muito difícil também ter “permissão” dos meninos para se aproximar ou compartilhar os jogos de futebol.

Com o tempo, as situações de isolamento foram se tornando cada vez mais frequentes.

Foi só nos anos finais do Ensino Fundamental que ela, depois de um longo processo de autoconhecimento, optou por mudar seu nome, transformar gradativamente seu corpo e assumir uma nova identidade. Passou a atender pelo nome de Célio, o que ainda não deixa de suscitar comentários e questionamentos, tanto por parte dos adultos quanto por alguns colegas.

Na última semana, reivindicou para a direção da escola o direito de usar banheiro masculino, o que vem sendo visto com muita resistência pela equipe de gestão e parte do corpo docente, além das reclamações por parte dos colegas.

Como lidar com esta situação?

Visualizando a violência

Mapear os locais e tipos de agressões é o primeiro passo para resolver a questão

Texto BRUNA ESCALEIRA ■ Design LUCAS FREIRE ■ Edição FERNANDA SALLA



PÁTIO

Lugar mais aberto da escola, costuma ser palco de agressões quando a violência já está instaurada. Reforçar a supervisão não resolve.

► **COMO ENFRENTAR** Orientando os próprios alunos a gerir o espaço, organizando grupos de trabalho e formando estudantes para a mediação dos conflitos.

ESPAÇOS DE PASSAGEM

Corredores e saídas de sala podem ser palcos de brigas ocasionais, que em geral são apartadas, mas que podem prosseguir fora da escola.

► **COMO ENFRENTAR** Evitando a continuidade do conflito. O ideal é formar equipes de ajuda, compostas de alunos eleitos, treinados para a mediação.

REFEITÓRIO

Há guerra de comida, desrespeito às merendeiras e insatisfação com os preços. São problemas que ocorrem porque os alunos não se sentem pertencentes ao espaço.

► **COMO ENFRENTAR** Levar as queixas a assembleias escolares em que todos participem, inclusive os funcionários.

BANHEIROS

Ambientes com agressões físicas graves, típicas de locais pequenos e isolados. É impossível e ineficaz vigiá-los o dia inteiro.

► **COMO ENFRENTAR** Educando para o entendimento de que se trata de um lugar de intimidade e respeito. Dá trabalho, mas é parte da formação para a autonomia.

SALA DE AULA

É o ambiente com mais depoimentos de agressão, de xingamentos à indisciplina, que afetam mais pela repetição que pela intensidade.

► **COMO ENFRENTAR** Definindo junto com os alunos as regras de convivência por meio de combinados ou negociação em assembleias escolares.

QUADRA

Local de conflitos físicos mais ocasionais. Na prática de esportes, sobretudo coletivos, pode ocorrer de alguém perder a cabeça e partir para a agressão.

► **COMO ENFRENTAR** Estabelecendo normas de conduta durante as partidas. Se a violência for constante, é preciso investigar os motivos com a turma.

O passo a passo do mapeamento

- 1. Conhecer os sentimentos** Entregue dois pedaços de papel a cada aluno. Peça que escreva ou desenhe o que há de melhor na escola em um e o que há de pior em outro.
- 2. Socializar opiniões** Promova a discussão entre os alunos. Destaque os sentimentos mais apontados (agressão, bem-estar, agradável, perigoso e assim por diante). Eles serão a base do mapeamento.
- 3. Classificar os lugares** Peça que a turma defina uma cor para cada sentimento. Ofereça pedaços de papel nas cores escolhidas. Oriente os alunos a escrever ou desenhar relatos sobre essas emoções e colar nas paredes do local em que ocorreram. Para que se sintam mais à vontade, não é preciso assinar.
- 4. Saber o que todos pensam** Promova um passeio pela escola para a leitura e recolhimento dos depoimentos.
- 5. Colorir o mapa** Oriente a turma a desenhar um mapa da escola em cartolina. Conte quantos papéis de cada cor foram colados em cada ambiente e peça que pintem cada espaço do mapa com as cores.
- 6. Prever ações** O mapa é um diagnóstico para começar o trabalho sobre clima escolar. Leve-o para assembleias e discuta formas de melhorar os espaços.

Consultoria: Luciane Tognetta, vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem) da Unicamp/Unesp.



Home

Sobre o Respeitar é Preciso!

Material do Respeitar é Preciso!

Mais sobre educação em direitos humanos

Educação em Direitos Humanos!

REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE SÃO PAULO

[Acesse aqui](#)



Elaboração da Vivência:

“Para que alunos aprendam que são pessoas dignas, precisam ser reconhecidos e tratados como tal, precisam ser respeitados para aprender que são sujeitos de direito”

“O sujeito livre nunca é sozinho, ele existe na relação com o outro. Nessa relação, o sujeito se reconhece como tal, articulando com o outro as dimensões de igualdade e diferença. Para se constituir como pessoa, precisa olhar para o outro e para si. O olhar do outro afirma sua existência.”

Caderno Sujeitos de Direito, pp.14 e 11, respectivamente.

Agradeço a presença de todos!

Celinha Nascimento

celinha@vladimirherzog.org

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

